

CAPÍTULO UM

No Missouri, o método de preparar um corpo para o enterar era mesmo o cabo dos trabalhos. Como se embelezássemos os nossos pobres soldados para o casamento, não para a morte. Os uniformes escovados com óleo de lamparina, com um aspeto nunca visto em soldados vivos. As caras limpas e barbeadas, como se o embalsamador não gostasse de pelos à mostra. Ninguém teria reconhecido o soldado Watchorn sem as suas famosas suíças. Seja como for, a morte gosta de pôr a cara de um estranho no lugar da nossa. Verdade seja dita, os caixões eram de madeira barata, mas não era essa a questão. Levanta-se um daqueles caixões e o fundo cede sob o corpo. Madeira cortada tão fina, parecia mais uma bolacha do que uma tábua. Mas rapazes mortos não se importam com essas coisas. Certo era que gostávamos de os ver tão bem apresentados, dadas as circunstâncias.

Estou agora a falar sobre o fim do meu primeiro envolvimento nas lides da guerra. Em 1851, muito provavelmente. Aos dezassete anos, estando o melhor da minha juventude para trás, alistei-me no Missouri. Se tivéssemos todos os membros, aceitavam-nos. Se só tivéssemos um olho, era bem possível que nos aceitassem também. O único salário pior do que o pior salário na América era aquele que o exército pagava. E davam-nos comida estranha

que nos punha a fazer trampa nauseabunda. Mas uma pessoa ficava contente por arranjar trabalho, porque na América, se não se trabalhasse por aqueles poucos dólares, passava-se fome, essa era uma lição que eu tinha aprendido. Bem, estava farto de passar fome.

Acreditem quando vos digo que há um certo tipo de homem que gosta da vida de soldado, por muito mau que seja o salário. Primeiro, tinha-se um cavalo. Podia ser um pônei esparavonado, podia sofrer de cólicas ou ter bócio do tamanho de um globo no pescoço, mas era um cavalo. Segundo, davam-nos um uniforme. Talvez deixasse um pouco a desejar no que tocava às costuras, mas era um uniforme. Azul como uma varejeira.

Juro que no exército se levava uma boa vida. Quando entrei tinha dezassete anos, mais ou menos, não sabia ao certo. Não quero com isto dizer que a minha vida até essa altura tenha sido fácil. Mas de tanto dançar tinha ficado com um corpo musculoso, do tipo magro e seco. Não falo contra os meus clientes, mas a favor deles. Quando se paga um dólar por uma dança, quer-se dar umas boas voltas pela pista, já se sabe.

Sim, o exército aceitou-me, orgulho-me de o dizer. Graças a Deus, o John Cole foi o meu primeiro amigo na América e no exército e, a bem dizer, foi também o meu último amigo. Esteve ao meu lado durante quase toda esta tremenda surpresa da vida ianque, o que foi bom sob todos os aspetos. Não passava de um rapaz como eu, mas com os seus dezasseis anos já parecia um homem. Quando o vi pela primeira vez, tinha ele catorze anos ou perto disso, era muito diferente. Foi também o que o dono do bar disse. Acabou-se, amigos, já não são nenhuns miúdos, foram as suas palavras. Cara escura, olhos pretos, olhos de índio, como lhes chamavam na altura. Brilhantes. Os tipos mais velhos do pelotão diziam que os índios eram só homens cruéis, homens cruéis sem expressão no rosto e capazes de nos matar mal nos pusessem os olhos em cima. Diziam que os índios deviam ser varridos da face da Terra, que essa seria a melhor política. Os soldados gostam de

falar alto. Deve ser assim que se faz a coragem, disse o John Cole, que era um homem perspicaz.

Eu e o John Cole alistámo-nos como voluntários juntos, claro. Apresentámo-nos como um pacote, acho eu, um e outro com o ar de quem não tem onde cair morto. Como gémeos. Bem, quando saímos do bar não trouxemos vestidos. Devíamos parecer vagabundos. Ele nasceu na Nova Inglaterra, onde a força da terra do seu pai esmorecia. O John Cole tinha apenas doze anos quando partiu sem destino certo. Assim que o vi pensei: ali está um amigo. Foi assim mesmo. Pareceu-me aquele tipo de rapaz janota. Embora tivesse a cara magra e pálida por causa da fome. Encontrei-o debaixo de uma sebe no maldito Missouri. Só estávamos debaixo da sebe porque chovia a cântaros. Bem no meio daqueles lamaçais para lá da velha St. Louis. Era mais provável encontrar um pato ali abrigado do que uma pessoa. O céu desaba. Procuo abrigo e, de repente, ali está o John Cole. De outro modo nunca o teria visto. Um amigo para toda a vida. Encontro estranho, devia estar destinado. Uma sorte. Mas a primeira coisa que ele faz é puxar de uma faca afiada que fez a partir de um espigão partido. Tencionava espetá-la em mim, se eu fizesse menção de o atacar. Era um rapaz de treze anos com um ar reservado. Bem, então começámos a conversar debaixo da dita sebe e ele disse-me que a bisavó era índia e que o povo dela fora expulso do leste havia muito tempo. Agora estavam em território índio. O John Cole não os conhecia. Não sei porque me contou aquilo tão cedo, mas eu fui tão amigoso que ele talvez tenha receado perder aquela ocasião de fazer amizade se eu não ficasse logo a saber das coisas más. Bem. Disse-lhe que visse a situação pelo lado positivo. Eu, filho de gente pobre de Sligo, também vinha de uma família arruinada. Não, nós os McNulty's também não tínhamos muito de que nos gabar.

Talvez por respeito pela alma vulnerável do John Cole eu devesse dar um salto violento na história e não falar sobre os primeiros anos da nossa amizade. Mas ele também podia achar que aqueles anos tiveram a sua importância e eu não estou certo de

que tenha sido um período de sofrimento especialmente vergonhoso. Será que foi uma vergonha? Não é assim que o vejo. Vou chamar-lhe o nosso tempo de dançarinos. Pois que raio. Afinal éramos só dois miúdos obrigados a sobreviver em terreno perigoso. E sobrevivemos, lá isso é verdade, tanto que aqui estou eu a contar a história. Feitas as apresentações debaixo de uma sebe anónima, pareceu-nos natural e fácil unirmo-nos na tarefa de prosseguir com a sobrevivência. Isto é, eu e o John Cole na sua minoria caminhámos lado a lado sob a chuva até à cidade mais próxima, naquela região fronteira onde trabalhavam centenas de mineiros endurecidos e onde se erguia, na estrada lamacenta, meia dúzia de bares tumultuosos que tentavam proporcionar divertimento àqueles homens.

Não que soubéssemos muito a esse respeito. Naquele tempo, o John Cole era, como tentei descrever, um rapaz franzino de olhos escuros como carvão e com uma cara magra e afilada, lembrando um cão de caça. Eu era a versão jovem do que sou hoje. Quero com isto dizer que, embora tivesse uns quinze anos, depois das minhas aventuras na Irlanda e no Canadá e na América, parecia da mesma idade do John. Mas não fazia ideia da minha aparência. Uma criança pode sentir-se épica e enorme e ser apenas uma amostra de gente aos olhos dos outros.

Farto de andar de um lado para o outro. Ficávamos melhor juntos do que sozinhos, disse ele.

A nossa ideia era arranjar emprego a despejar dejetos ou a fazer qualquer trabalho abjeto para pessoas decentes. Não sabíamos muito sobre o mundo dos adultos. A verdade é que não sabíamos praticamente nada. Estávamos dispostos a fazer qualquer coisa e até nos regozijávamos com esse facto. Estávamos prontos a descer para as fossas e a tirar de lá a merda às pazadas. Não o sabíamos, mas talvez tivéssemos cometido crimes obscuros de boa vontade, se tal não implicasse captura e castigo. Éramos duas aparas de madeira da humanidade num mundo selvagem. Estávamos convencidos de que podíamos ter a nossa quota-parte de

comida se a procurássemos. O pão do céu, assim lhe chamava o John Cole, que desde a queda do seu pai frequentara muito aqueles lugares onde lhe providenciavam hinos e comida escassa.

Não havia muitos lugares desses em Daggsville. Não havia nenhum, na verdade. Em Daggsville só havia tumultos, cavalos enlameados, portas a bater, gritos suspeitos. A esta altura da minha experiência biográfica, devo confessar que trazia vestida uma velha saca de trigo, atada à cintura. Parecia-se com roupa, mas não muito. O John Cole estava mais bem apresentado, com um bizarro fato preto que devia ter uns trezentos anos, a avaliar pelos buracos. Tinha ventilação na zona das virilhas, ao que me parecia. Quase se podia meter por ali a mão e medir-lhe a masculinidade, por isso uma pessoa esforçava-se ao máximo para manter os olhos desviados. Arranji um bom método para lidar com a situação e passei a fixar-lhe intensamente a cara, o que afinal não me custava nada, tratando-se de um rosto agradável. A certa altura avistamos um edifício novinho em folha, todo de madeira fresca e até com uma réstia de brilho nas cabeças dos pregos martelados pouco antes. *Saloon*, dizia um letreiro, nem mais nem menos. E por baixo, num letreiro mais pequeno pendurado num fio, *Procuram-se rapazes asseados*.

Estás a ver, diz o John Cole, que não sabia tanto como eu, mas que ainda assim sabia algumas coisas. Bem, diz ele, juro pela minha mãe que cumprimos metade daqueles requisitos.

Apressámo-nos a entrar, e lá dentro havia um agradável quociente de boa madeira escura, lambris do chão ao teto, um longo balcão reluzente e negro como um veio de petróleo. Depois sentimo-nos como insetos numa touca de rapariga. Forasteiros. Como se tivéssemos entrado numa daquelas grandiosas cenas americanas que gostamos de contemplar mas às quais não pertencemos. O homem atrás do balcão, a que nem faltava o pano de camurça, dava filosoficamente lustre a uma superfície já lustrosa. Era evidente que se tratava de um negócio novo. Um carpinteiro terminava o seu trabalho na escada que levava ao piso de cima,

encaixando o último segmento de um corrimão. O homem com o pano de camurça tinha os olhos fechados ou ter-nos-ia visto mais cedo. Talvez até nos tivesse escorraçado. Depois os seus olhos abriram-se e, em vez de nos expulsar com linguagem obscena, que era o que esperávamos, aquele indivíduo perspicaz sorriu-nos, parecendo contente de nos ver.

Estão à procura de rapazes asseados?, pergunta o John Cole, num tom algo pugilístico, ainda a profetizar ameaças.

São muito bem-vindos, diz o homem.

Somos?, admira-se o John Cole.

São, pois. Mesmo o que procuramos, especialmente o mais pequeno, diz o homem. Era a mim que se referia. Em seguida, como se receasse que o John Cole se ofendesse e batesse com a porta: Mas tu também serves, diz. Pago cinquenta cêntimos por noite, cinquenta cêntimos por noite a cada um, e podem beber o que quiserem, se se derem bem com a bebida, e podem dormir no estábulo nas traseiras, podem sim senhor, confortáveis e quentinhos como gatos. Isto é, se derem conta do recado.

E qual é o trabalho?, pergunta o John, desconfiado.

O trabalho mais fácil que há no mundo, diz o homem.

Por exemplo?

Ora, dançar, só têm de dançar. É tudo.

Não somos dançarinos, tanto quanto sei, diz o John, confuso, violentamente dececionado.

Não precisam de ser dançarinos conforme a definição da palavra que vem no dicionário, diz o homem. Não têm de fazer nada muito acrobático, em todo o caso.

Está bem, diz o John, que só não estava a ver muito sentido naquilo; mas não temos roupa com que dançar, isso é certo, disse, exibindo a sua indumentária tão particular.

Bem, temos tudo o que é preciso, tudo o que é preciso, declara o homem.

O carpinteiro tinha feito uma pausa no seu trabalho e estava sentado num degrau, com um sorriso de orelha a orelha.

Venham comigo, cavalheiros, diz o homem ao balcão, que devia ser o dono, com o seu ar presumido, e já lhes mostro a vossa roupa de trabalho.

A passos largos, batendo ruidosamente com as botas no chão novinho em folha, encaminhou-se para o seu escritório e abriu a porta. Estava indicado *Escritório*, por isso sabíamos que lugar era aquele. Ora, rapazes, façam favor de entrar, disse, segurando a porta. Sou pessoa de boas maneiras. E espero que vocês também sejam, porque até os mineiros rudes gostam de bons modos, lá isso é verdade.

Então marchamos por ali adentro, de olhos bem abertos. Deparamo-nos com um varão cheio de vestidos pendurados, como uma fila de mulheres enforcadas. Porque são roupas de mulher. Vestidos. Não havia ali mais nada, e bem que olhámos em redor, pois olhámos.

O baile começa às oito em ponto, diz ele. Escolham alguma coisa que vos sirva. Cinquenta cêntimos, cada um. E as gorjetas que vos derem são vossas.

Mas, diz o John Cole, como se estivesse a falar com uma pessoa demente que lhe causasse dó. Não somos mulheres. O senhor não está a ver? Eu sou rapaz e aqui o Thomas também.

Não, não são mulheres, isso vejo eu. Percebi logo que aqui entraram. São dois belos rapazes. O leteiro diz que se admitem rapazes. Eu de boa vontade contrataria mulheres, mas não há mulheres em Daggsville, a não ser a mulher do dono da loja e a filha pequena do homem da cavalaria. De resto, somos todos homens aqui. Mas homens sem mulheres podem entregar-se ao desgosto. É uma espécie de tristeza que lhes entra no coração. Quero acabar com isso e ganhar uns dólares pelo caminho, sim senhor, à boa maneira americana. Eles só precisam da ilusão, basta-lhes a ilusão do sexo fraco. Serão vocês, se aceitarem este emprego. É só dançarem. Nada de beijos, nem abraços, nem sentimentos ou apalpadelas. Só uma boa dança respeitosa. Nem imaginam como o mineiro rude sabe ser gentil a dançar. É de trazer lágrimas aos

olhos. E vocês são bonitos à vossa maneira, se me permitem dizê-lo, especialmente o mais pequeno. Mas tu também serves, tu também serves, diz ele, vendo o recém-adquirido orgulho profissional do John Cole vir novamente à superfície. Depois ergue uma sobancelha, à espera de resposta.

O John Cole olha para mim. Eu não me importava. Era melhor do que morrer à fome embrulhado numa saca de trigo.

Está bem, diz ele.

Vou pôr-vos uma banheira na cavalaria. Vou dar-vos sabão. E os acessórios, *my importante*. Trouxe-os de St. Louis. Vão dar-lhes bom uso, rapazes, de certeza que lhes darão bom uso, e depois de uns quantos copos, homem nenhum vai reclamar. É uma nova era na história de Daggsville. A era em que os homens solitários arranjaram raparigas com quem dançar. E tudo com decência, tudo com decência.

E lá saímos do escritório, a encolher os ombros, como quem diz que este mundo é louco, mas que também há horas de sorte, de vez em quando. Cinquenta cêntimos, cada um. Quantas vezes, no nosso tempo de soldados, em esconderijos entre a folhagem, na pradaria ou em encostas solitárias, quantas vezes eu e o John repetimos entre gargalhadas, antes de adormecermos, cinquenta cêntimos — cada um.

Naquela primeira noite na história perdida do mundo, o senhor Titus Noone, pois era assim que ele se chamava, ajudou-nos a vestir com um certo tato masculino. Há que reconhecer que ele percebia de botões e fitas e afins. Até teve a presença de espírito de nos borrifar com perfume. Era o mais limpo que eu estivera em três anos, talvez em toda a minha vida. Na Irlanda não era conhecido pelo meu asseio, verdade seja dita, os camponeses pobres não têm banheiras. Quando não há comida, a primeira coisa de que se abdica é da mais ténue noção de higiene.

O bar não tardou a encher. Tinham sido rapidamente afixados cartazes por toda a cidade, e os mineiros responderam ao convite. Eu e o John Cole estávamos sentados em duas cadeiras, junto à

parede. Com modos femininos, bem-comportados, sérios e agradáveis à vista. Nem sequer espreitávamos para os mineiros, olhávamos a direito. Não tínhamos visto muitas raparigas sérias na nossa vida, mas tivemos uma inspiração. Eu usava uma peruca amarela e o John tinha uma vermelha. Devíamos parecer a bandeira de um qualquer país, do pescoço para cima, ali sentados. O senhor Noone tivera o cuidado de nos encher os corpetes com algodão. Sim, mas estávamos descalços, ele tinha-se esquecido dos sapatos em St. Louis. Seriam algo a acrescentar mais tarde. Recomendou-nos que evitássemos os pés dos mineiros, e nós dissemos que assim faríamos. É curioso como tudo mudou assim que envergámos aqueles vestidos. Nunca me senti tão satisfeito na vida. Todo o sofrimento e todas as preocupações se dissiparam. Eu era um novo homem, uma nova rapariga. Sentia-me liberto, como aqueles escravos que se tornaram livres após a guerra que se avizinhava. Estava pronto para o que desse e viesse. Sentia-me gracioso, forte, aperfeiçoado. É esta a verdade. Não sei o que senti o John Cole, ele nunca mo disse. Era preciso gostar do John Cole por aquilo que ele decidia não revelar. Dizia muito sobre os aspetos práticos. Mas nunca censurou aquele nosso trabalho, nem quando nos corria mal, nada disso. Fomos as primeiras raparigas em Daggsville e não fomos as piores.

É sabido que entre os mineiros se encontra todo tipo de alma. Os mineiros chegam a uma terra, vi isto acontecer mil vezes, e destroem tudo o que é belo, e as águas dos rios ficam negras e as árvores murcham como donzelas ofendidas. Os mineiros gostam de comida reles, *whiskey* reles, noites reles e, verdade seja dita, quando se trata de raparigas índias, gostam delas de todas as formas erradas. Vão às cidades de tendas e fazem o pior possível. Nunca houve homens tão propensos a violar como os mineiros, alguns deles. Outros mineiros são professores, académicos, em terras mais civilizadas, padres que caíram em desgraça e comerciantes falidos, homens abandonados pelas mulheres como objetos inúteis. Todo o tipo e gradação de alma, como diria, e dirá, o mediador das colheitas. Mas

quando entravam no bar do senhor Noone sofriam uma mudança, uma profunda mudança. Porque nós éramos raparigas bonitas, que eles adoravam com toda a sua alma. E de qualquer modo, o senhor Noone estava atrás do bar com uma espingarda ao alcance da mão, bem à vista. Nem imaginam a margem de manobra que a lei na América confere ao dono de um bar no que toca a matar mineiros, mas digamos que é considerável.

Para aqueles homens, talvez eu e o John fôssemos como memórias de outros lugares. Talvez fôssemos as raparigas da sua juventude, o seu primeiro amor. Caramba, estávamos tão limpos e aprumados, quem me dera ter-me conhecido a mim próprio. Talvez, para alguns, tenhamos sido as primeiras raparigas que amaram. Todas as noites, ao longo de dois anos, dançámos com eles, e não houve um instante de movimentos indesejados. É um facto. Talvez fosse mais excitante dizer que tínhamos sexos a pressionar-nos o corpo, e línguas a forçarem a nossa boca, ou mãos calejadas a agarrar-nos os seios imaginários, mas não. Naquele bar, os mineiros eram os cavalheiros da fronteira. Caíam de madrugada, demolidos pelo *whisky*, cantavam ruidosamente, gritavam uns com os outros por causa das cartas, lutavam entre si com punhos de ferro, mas quando se tratava de dançar, eram o d'Artagnan cortês dos romances antigos. As grandes barrigas suínas pareciam encolher e lembravam animais de uma certa elegância. Aquelles homens barbeavam-se por nossa causa, lavavam-se por nós e usavam as suas melhores roupas por nós, e era assim mesmo. O John chamava-se Joanna, eu era a Thomasina. Dançávamos e dançávamos. Rodopiávamos e rodopiávamos. Para todos os efeitos, éramos bons dançarinos. Sabíamos dançar a valsa, devagar e depressa, o *foxtrot* e até, contra a política ianque daquela região, o *charleston*. Girávamos pela sala com os nossos vestidos, e a mulher do dono da loja, a senhora Carmody, que era costureira, ia-nos alargando a roupa à medida que os meses passavam. Talvez seja um erro alimentar vagabundos, mas nós crescíamos mais para cima do que para a frente. Talvez estivéssemos a mudar, mas aos

olhos dos nossos clientes continuávamos a ser as mesmas raparigas. Eles falavam bem de nós e havia homens que percorriam vários quilómetros para nos ver e para porem o seu nome na lista nos nossos pequenos cartões. «A menina dá-me a honra de uma dança?» «Ora, sim senhor, tenho dez minutos livres a um quarto para a meia-noite, se quiser preencher essa vaga.» «Fico-lhe muito grato.» Dois rapazes inúteis e criados na lama como éramos, nunca tínhamos tido semelhante divertimento. Pediram-nos a mão em casamento, ofereceram-nos cavalos e carroças, se consentíssemos em ir para o acampamento com este indivíduo ou com aquele, deram-nos presentes que não envergonhariam um árabe do deserto da Arábia à procura de noiva. Mas, claro, sabíamos qual era a nossa história dentro daquela história. Eles também deviam saber, agora que penso nisso. Eram livres de se oferecer à penitenciária do matrimónio, porque sabiam que ela só existia na imaginação. Era só liberdade, felicidade e alegria.

Porque a vida imunda e abjeta de um mineiro é uma vida desolada e só um em cada dez mil encontra o seu ouro, verdade seja dita. E em Daggsville eles escavavam em busca de chumbo, pelo que isto era ainda mais verdade. Uma vida de esterco e água. Mas no bar do senhor Noone havia dois diamantes, dizia o nosso patrão.

Certo é que a natureza leva sempre a melhor e a nossa graça foi esmorecendo, e já parecíamos mais rapazes do que raparigas, mais homens do que mulheres. John Cole, sobretudo, sofreu grandes mudanças em dois anos. Já fazia concorrência às girafas, no que tocava à altura. O senhor Noone não arranjava vestidos que lhe servissem, e a senhora Carmody não conseguia costurar suficientemente depressa. Sabia Deus que era o fim de uma era. Um dos empregos em que fui mais feliz. Chegou, então, o dia em que o senhor Noone teve de falar. E apertámos as mãos ao romper do dia, e até houve lágrimas, e seríamos apenas memórias de diamantes em Daggsville. O senhor Noone diz que nos há de enviar uma carta nos dias festivos de São Tomé e São João, a contar as novidades. E nós devíamos fazer o mesmo. Partimos com os

poucos dólares que tínhamos poupado para os tão esperados dias de cavalaria. E o mais estranho foi ver Daggsville deserta, naquela manhã, e ninguém ter vindo dizer-nos adeus. Sabíamos que éramos apenas fragmentos de lenda e que nunca tínhamos realmente existido naquela cidade. Não há sensação melhor.